

# *Pesquisa qualitativa*

*uma possibilidade de triangulação por métodos, fenômenos e sujeitos*

## *Qualitative research*

*a possibility of triangulation using the methods, phenomena and subject*

Simone Antoniaci Tuzzo e Claudomilson Fernandes Braga

Prorama de Pós-Graduação em Comunicação,  
Universidade Federal de Goiás – UFG

Goiânia, Brasil

simonetuzzo@hotmail.com; milsonprof@gmail.com

**Resumo** — Este artigo apresenta uma possibilidade de discussão sobre a importância da pesquisa qualitativa e como esta modalidade de pesquisa pode ser utilizada na perspectiva da triangulação, propiciando à pesquisa um caráter múltiplo, que contempla os métodos, os sujeitos e os fenômenos, tripé tão importante nas investigações, sobretudo empíricas. Em uma sociedade pós-moderna, onde predomina a complexidade e a fragmentação dos fenômenos e a mídia assume importância nas suas diversas plataformas trazendo ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, este artigo discute, ao invés da denominação clássica da triangulação alicerçada nas perspectivas qualitativa e quantitativa, uma nova possibilidade de triangulação em relação à pesquisa qualitativa ocorrer nela mesma.

**Palavras Chave** - Pesquisa qualitativa; triangulação; métodos; sujeitos; fenômenos.

**Abstract** — This paper presents a possibility of discussion about the importance of qualitative research and how this type of research can be used in view of triangulation, leading to research a multiple character, which includes the methods, subjects and phenomena, tripod so important in investigations especially empirical. In a post-modern society, dominated the complexity and fragmentation of the phenomena and the media assumes importance in its various platforms bringing wide variety of interconnected performance practice, this article discusses, rather than the classic styling of rooted triangulation in qualitative and quantitative perspectives a new possibility of triangulation with respect to qualitative research occur in itself.

**Keywords** - Qualitative research; triangulation; methods; subject; phenomena.

### I. INTRODUÇÃO

Do ponto de vista da pesquisa, as investigações qualitativas têm assumido, sobretudo nas ciências sociais e humanas, importância fulcral em razão do seu caráter subjetivo o que coaduna com a própria subjetividade do objeto, o ser humano. A este cenário da pesquisa qualitativa que toma como vértices os métodos, os sujeitos e os fenômenos, construindo um tripé que atribui sentido às investigações à medida que todos e cada um à sua maneira dialoga de forma equilibrada, ou seja, todas as perspectivas deste cenário de pesquisa parecem falar a mesma linguagem.

Dito de outra forma nos parece impossível realizar investigações no mundo social e tendo os indivíduos como objeto, seja pela perspectiva da mídia (ou não), sem utilizar a possibilidade qualitativa nos processos de coleta e interpretação de dados.

Nesta perspectiva, nos parece pertinente indagar mais ao mesmo tempo discutir se esta possibilidade metodológica, aqui compreendida como qualitativa, não se tornaria mais adequada se fosse possível agregar valor a esta abordagem incrementando ao cenário de pesquisa outros olhares também metodológicos e pertencentes ao universo da pesquisa qualitativa.

Consideramos ser possível discutir pesquisa qualitativa com olhares múltiplos e diversificados para dar conta da complexificação a que foram sujeitados os atores sociais e seus ambientes pessoais e laborais.

Ainda dentro do âmbito das possibilidades, importante pensar em uma triangulação das pesquisas qualitativas firmadas nelas mesmas, ou seja, comumente são encontrados estudos de triangulação que mesclam as pesquisas qualitativas e quantitativas, mas será que a triangulação firmada no eixo central da pesquisa qualitativa também pode se firmar no tripé de sujeitos, fenômenos e método?

Ao trabalhar com as palavras, existe a possibilidade de pensarmos em vértices, para que o conceito de triangulação, muito mais fundamentado e consagrado nos discursos das pesquisas qualitativas e quantitativas possa ser utilizado como diferenciação. Mas isso causaria um outro incômodo que é o de de pensarmos que os vértices podem ser isolados, mas os ângulos só se firmam nos encontros e por isso o termo ainda mais adequado.

### II. PESQUISA QUALITATIVA: COMPREENDENDO O CONCEITO

Entendendo que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques, sugere que a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas, apenas para citar: estudo de caso; experiência

pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais — que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance.

Percebe-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo, assim como a prática de mais de uma possibilidade de coleta.

É exatamente neste ponto que nos debruçaremos nesta nossa abordagem. A multiplicidade de coleta que a pesquisa qualitativa oferece gerando uma possibilidade de triangulação, também trabalhada pelos autores Duarte [1] e Günther [2], apesar do segundo autor se dedicar mais especificamente a diagnosticar e diferenciar a pesquisa quantitativa da pesquisa qualitativa.

Segundo Minayo [3] a pesquisa qualitativa pode ser então compreendida como:

[...] aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas [3, p. 48].

Em outras palavras Bogdan & Biklen [4] em seu texto *Qualitative Research for Education: An introduction to Theories and Methods* pontuam que os pesquisadores qualitativistas procuram entender o processo pelo qual as pessoas constroem e descrevem significados. Depreende-se que o pesquisador qualitativista não quer explicar as ocorrências com as pessoas, individual ou coletivamente, listando e mensurando seus comportamentos ou correlacionando quantitativamente eventos de suas vidas. Porém, ele pretende conhecer a fundo suas vivências, e que representações essas pessoas têm dessas experiências de vida.

Essa tem sido uma perspectiva defendida por pesquisadores nacionais como Figaro [5] para quem a triangulação metodológica passa necessariamente pela possibilidade da triangulação naquilo que podemos denominar de intramétodo, ou seja, a triangulação dentro do próprio método: qualitativo.

Ainda neste sentido e nesta possibilidade, Flick, von Kardorff e Steinke [6], segundo a perspectiva de Günther [2], apresentam quatro bases teóricas: a) a Realidade social é vista como construção e atribuição social de significados; b) a ênfase no caráter processual e na reflexão; c) as condições “objetivas” de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos; d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa. Subsequentemente, o autor argumenta que estes autores “traduzem” estas bases teóricas em 12 características da pesquisa qualitativa. No mesmo *paper* “*Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa*” Günther [2] tomando de empréstimo a perspectiva de Mayring [7], argumenta que são

na verdade 13 alicerces da pesquisa qualitativa. Assim parece ser possível chegar, a partir da interpretação sugerida pelo autor a cinco grupos de atributos da pesquisa qualitativa: a) características gerais; b) coleta de dados; c) objeto de estudo; d) interpretação dos resultados; e) generalização.

Desta forma é construída a pesquisa qualitativa: complexa, restrita na coleta mas ampla nas análises, com capacidade de generalizar resultados e com a possibilidade de atender as demandas tanto da própria pesquisa quanto do pesquisador, do objeto e da temática. Ou seja, a metodologia qualitativa se assemelha e se aproxima de uma possibilidade real de interpretação da realidade social concreta, vivida e vivenciada no dia-a-dia dos atores sociais, revelando de certa maneira e em grande medida, a partir de dados simbólicos, a realidade (ou parte dela) ao mesmo tempo em que permite em função dos seus múltiplos métodos de análise<sup>1</sup> desvendar múltiplas realidades. Aqui argumentamos em forma de interrogação se é possível triangular a pesquisa qualitativa nela mesma? Acreditamos que sim.

Teoricamente a noção de triangulação está muito associada a possibilidade de executar a pesquisa empírica com olhar multimétodo, ora quantitativo, ora qualitativo. Nesta perspectiva tentamos romper com essa possibilidade e discutir, mesmo que de modo breve uma triangulação que chamamos de interna, ou seja, dentro da mesma perspectiva.

Partindo da noção de que todo objeto pode ser visto, investigado por prismas diferentes, o que impede este objeto ser investigado por um prisma que oferece ao pesquisador múltiplas facetas? Nos referimos neste nosso olhar nas possibilidades de coleta diferenciadas e nos métodos de análise também diferenciados que a pesquisa qualitativa nos oferece enquanto campo de ação.

Duarte [1] informa que a origem, propriamente dita, da noção de “triangulação” advém da topografia, o que segundo o autor remonta as colocações de Cox e Hassard [8], que em seu texto *Triangulation in Organizational Research: A Re-Presentation*<sup>2</sup> tenta explicar este processo. Neste campo, a triangulação refere-se a um método para determinar a posição de um ponto C, através da observação de dois pontos, A e B. Se o observador tiver informação suficiente acerca da distância entre A e B, pode determinar facilmente as distâncias entre B e C e entre A e C.

Foram os psicólogos Campbell & Fisk [9] ainda na década de 1950 que iniciaram a discussão acerca da possibilidade de triangulação. Entretanto, só a partir dos estudos de Denzin [10] que este leque de imprecisões toma forma e fica claro, fazendo surgir o conceito de triangulação, onde foi descrito, segundo Norman Denzin, quatro modelos possíveis de triangular uma pesquisa: – a “triangulação de dados”, a “triangulação do investigador”, a “triangulação teórica” e a “triangulação metodológica”. Em nosso estudo há

<sup>1</sup> Sobre as possibilidades de análise em pesquisa qualitativa ver Hartmut Günther [2], *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Mai-Ago. 2006, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210 *Pesquisa Qualitativa versus pesquisa Quantitativa*. Esta é a questão?

<sup>2</sup> *Triangulação na Pesquisa Organizacional: a (re)apresentação*. Tradução livre dos autores.

um interesse particular na propositura da triangulação metodológica, em que pese a importância das demais.

Na “triangulação metodológica”, são utilizados múltiplos métodos para estudar um determinado problema de investigação. Denzin [10] distingue dois subtipos: a triangulação intramétodo – que envolve a utilização do mesmo método em diferentes ocasiões – e a triangulação intermétodos – que significa usar diferentes métodos em relação ao mesmo objeto de estudo. Na segunda possibilidade reside nosso maior objetivo de estudo: a triangulação possível em função de um mesmo método e em razão de possibilidades diferentes, mais não divergentes. Denzin e Lincoln [11], posteriormente avançam nesses estudos e lançam a obra *Collecting and Interpreting Qualitative Materials* onde discute essa possibilidade. Nesses avanços surge a discussão sobre o conceito de validade, ou seja, a validade da pesquisa passa necessariamente pela adoção do método. Todavia este ainda é um pressuposto contraditório.

Duarte [1] também apresenta em suas pesquisas argumentos que se coadunam com nossa perspectiva, ou seja, a realidade é multifacetada, a noção da categoria “verdade” ou validade funciona apenas como um limite e uma orientação operatória, só se podendo produzir aproximações.

Marcondes e Brisola [12] apresentam uma triangulação interessante para nossa discussão, baseada na análise das interpretações dos dados qualitativos que se firmam na seguinte ideia: a) abordagem do assunto, como qualitativa; b) do ponto de vista de seus objetivos, como descritiva e c) com relação aos procedimentos técnicos, caracteriza-se como bibliográfica.

Ainda tentando avançar, nossa reflexão se baseia no tripé a) métodos; b) sujeitos e c) fenômeno. O objeto de análise e pesquisa fica contemplado no eixo que chamamos de fenômeno, a utilização das nomenclaturas se firma na ideia de que cada uma das partes não é estática, mas mutável e multifacetada. Desta forma, podemos afirmar que o fenômeno é complexo, o método é plural e os sujeitos são mutáveis, absolutamente dependentes do ambiente e das condições sociais onde a pesquisa se realiza e onde outras interferências do meio podem gerar mutações no fenômeno pesquisado. Em se tratando de pesquisas nas áreas da comunicação, por exemplo, a mídia é ponto determinante na construção de todo o processo.

### III. ALGUMAS PRIMEIRAS REFLEXÕES...

Na realidade, não é possível assumir, unicamente, que os resultados provenientes de diferentes métodos, mesmo em se tratando da mesma perspectiva, se vão corroborar mutuamente. Numa concepção mais “aberta”, “realista” e “pragmática”, surgem algumas concepções que remetem não apenas para a “triangulação” como validação, mas também para a “triangulação” como forma de integrar diferentes perspectivas no fenômeno em estudo, como forma de descoberta de paradoxos e contradições, ou como forma de desenvolvimento, no sentido de utilizar sequencialmente os métodos para que o recurso ao método inicial informe a utilização do segundo método, ou seja, parece ser uma perspectiva em discussão, ou

pelo menos é o que parece ser segundo Greene et al. [13], cuja discussão tem sido empreendida pela professora Teresa Duarte [1].

Desde modo a possibilidade da triangulação mesmo em se tratando da mesma perspectiva – qualitativa – parece ser uma abordagem que se sustenta e faz sentido à medida que oferece ao pesquisador olhares múltiplos e diferentes do mesmo lugar de fala.

Em outros termos e ao contrário do que se pode dizer, a triangulação é perfeitamente possível mesmo não se tratando da bricolagem de métodos qualitativos e quantitativos. A complexidade dos fenômenos parece exigir outras formas de investigação. Aqui cabe ressaltar a riqueza destas possibilidades quando nos referimos, por exemplo, ao quantitativo de abordagens e de metodologias de análise do universo da pesquisa qualitativa.

Assim, a noção de triangulação nos parece reveladora e interessante em vários pontos: que o conceito nasce na topografia mais tem tido aderência teórica importante nas ciências humanas onde tem se consolidado, tem também apresentado desdobramentos importantes tais como a triangulação de dados, a triangulação dos investigadores e a triangulação metodológica; quebra o paradigma da ortodoxia clássica e se expande, apesar das críticas realizadas enquanto forma de integração.

Todavia e apesar deste texto se dedicar a explorar uma possibilidade metodológica particular na pesquisa qualitativa, ainda é pertinente avançar e questionar: o que dizer da triangulação entre métodos qualitativos e quantitativos? Esta é outra discussão que se empreende e vale a pena iniciar. Por ora vamos observar que já é possível no mesmo teto da pesquisa qualitativa ampliar os horizontes e demandar possibilidades de coleta e de análise de modo triangular, amplo e (quase) irrestrito na tentativa de atender as demandas dos fenômenos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] T. Duarte, “A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)”, CIES e-WORKING PAPER n. 60, 2009. Lisboa, Portugal. Disponível em: [www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60\\_Duarte\\_003.pdf](http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf) Acesso em: 17 mar. 2015.
- [2] H. Günther, “Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?” In: Psicologia: Teoria e Pesquisa. Universidade de Brasília, vol. 22, n. 2, Brasília May/Aug. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-37722006000200010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-37722006000200010&script=sci_arttext). Acesso em: 20 mar. 2015.
- [3] M. C. S. Minayo, O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec/ Rio de Janeiro: Abrasco; 2004.
- [4] R. C. Bogdan and S. K. Biklen, Qualitative research for education: an introduction for theory and methods. 3th ed. Boston: Allyn and Bacon; 1998.
- [5] R. Figaro, “A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho”. in Revista Fronteiras – estudos midiáticos 16(2): pp. 124-131, maio/agosto, 2014.
- [6] U. Flick, E. Von Kardorff, I. Steinke, “Was ist qualitative Forschung? Einleitung und Überblick”. In Qualitative Forschung: Ein Handbuch [Pesquisa qualitativa - um manual], Reinbek: Rowohlt, 2000, pp. 13-29.
- [7] Ph. Mayring, *Einführung in die qualitative Sozialforschung*. Introdução à pesquisa social qualitativa. Weinheim: Beltz. 2002.

- [8] J. W. Cox, J. Hassard, "Triangulation in Organizational Research: a Representation", in *Organization*, 12: 1, AB/INFORM Global, 2005, pp. 109-133.
- [9] D. T. Campbell, and D. W. Fiske, "Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix". *Psychological Bulletin*. n. 56, 1959, pp. 81-105.
- [10] N. K. Denzin, *The Research Act*, Englewood Cliffs, N. J., Prentice Hall. 1989.
- [11] N. K. Denzin, and Y. S. Lincoln. *Collecting and Interpreting Qualitative Materials*. SAGE. Publications, Inc. 2013.
- [12] N. A. V. Marcondes e E. M. A. Brisola, "Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas". *Revista Univale on-line*. vol. 20, n. 35, 2014. pp. 201-208.
- [13] J. C. Greene, V. J. Caracelli and W. F. Graham. "Towards a conceptual framework for mixed-method evaluation designs", em *Educational Evaluation and Policy Analysis*, 11, 1989, pp. 255-274.